

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO

1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

CINISMO, DISCURSO E IDEOLOGIA

Lauro José Siqueira Baldini

ljsbaldini@gmail.com

Doutor

Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS

*O sujeito é sempre, e ao mesmo tempo, sujeito da ideologia
e sujeito do desejo inconsciente e isso tem a ver com o fato
de nossos corpos serem atravessados pela linguagem
antes de qualquer cogitação.*

(Paul Henry, *A ferramenta imperfeita*)

Este texto se compõe de notas, nem sempre bem articuladas, que fazem parte de uma reflexão de maior fôlego que venho tentando construir a respeito da relação entre a ideologia e o inconsciente e, além disso, entre o funcionamento da sociedade contemporânea e suas relações com aquilo que Althusser chamava de “interpelação ideológica”.

A esse respeito, gostaria de salientar algumas premissas fundamentais que orientam esta reflexão e a perspectiva na qual ela se insere: em primeiro lugar, creio ser preciso enfatizar a afirmação althusseriana de que a ideologia se dá através de práticas (ou, ainda, da repetição de rituais materiais), não podendo ser entendida como conjunto de idéias; aliada a essa consideração, considero, como Pêcheux, que não há sentido que não seja ideológico, isto é, que a própria constituição do sentido (e do sujeito do discurso) se dá pela via da ideologia. Como ressalta Orlandi (2007:11), “*ao inscrever-se na língua o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, daí resultando uma forma sujeito histórica*”. Segundo a mesma autora, (2007:12) “*a ordem da língua e a da história, em sua articulação e seu funcionamento, constituem a ordem do discurso*”. Essa ordem do discurso, longe de ser um transcen-

dental a-histórico, está implicada pelo regime de funcionamento de uma dada formação social, com suas instituições, atores e contradições. É por essa via que pretendo indicar, de maneira apenas esboçada e provisória, algumas implicações para uma teoria materialista do discurso de certas modificações nas práticas contemporâneas de assunção da fala pelos sujeitos. Ou, em outras palavras, das relações dos sujeitos com o seu próprio dizer que, possivelmente, sejam marcas de uma alteração na identificação dos mesmos com as formações discursivas.

Uma teoria materialista do discurso, dissemos, e era o que propunha Pêcheux. Além disso, uma teoria que se anunciava num lugar problemático: uma Tríplice Aliança, como diz Pêcheux, entre Freud, Marx e Saussure. De fato, uma aliança entre uma certa leitura de Marx, via Althusser, uma certa leitura de Freud, via Lacan, e uma certa leitura de Saussure, via Foucault e o próprio Pêcheux¹. Leituras, a nosso ver, que implicam pensar o social e o simbólico como instâncias que não podem ser concebidas sem relação uma com a outra, embora o entendimento de cada uma destas categorias e mesmo a relação entre elas possa variar bastante segundo a perspectiva adotada. Leituras, ainda, que Pêcheux procurava relacionar, sem nunca pretender homogeneizar ou reduzir uma à outra.

De qualquer modo, Pêcheux já havia notado que a sustentação intelectual de uma teoria materialista do discurso supunha um trabalho incessante de reconfiguração de seu próprio lugar no interior da dita aliança. O mesmo autor, em um texto que ainda faz correr muita tinta, assume de modo ouso a questão do futuro dessa aliança: “*eu tomo partido pelo fogo de um trabalho crítico, que, muito provavelmente, acabará por destruir a cidadela da Tríplice Aliança, (...) embora haja, ao mesmo tempo, a possibilidade de que, por essa via, algo novo venha a nascer - contra o fogo incinerador que só produz fumaça*” (Pêcheux, 1978, p. 294). A partir dessa afirmação de Pêcheux, pensamos que duas análises de discurso podem ser inferidas: uma, impregnada pelo fogo crítico; outra, produtora de fumaça, pelo fogo incinerador. A questão não é trivial, pois diz respeito a um legado. Também não é evidente: não se trata de conceber duas análises de discurso distintas e opostas, cabendo a uma o caráter de herdeira de Pêcheux e à outra uma traição do gesto teórico inicial. Para nós, o importante é distinguir, em nosso próprio percurso, os momentos em que produzimos fumaça e os momentos em que produzimos trabalho crítico. Isto é, trata-se, na nossa própria teorização e prática analítica, de tentar distinguir os momentos em que prolongamos a prática teórica de Pêcheux dos momentos em que in-

¹ A relação entre Pêcheux e Foucault é bastante contraditória e conflituosa e não há espaço para tratar disso aqui. Lembremos, brevemente, que em vários momentos, Pêcheux utiliza conceitos de Foucault, reorientando-os segundo sua perspectiva teórico-política. Em pelo menos um texto, Pêcheux (1979) se posiciona a esse respeito ao dizer que os processos de individualização descritos por Foucault poderiam colocar “*à mostra o processo de individualização – normatização no qual diferentes formas de violência do Estado assujeitam os corpos e asseguram materialmente a submissão dos dominados*” (p. 302), mas se e somente se Foucault fosse retificado em seu embaraço com relação à Psicanálise e o Marxismo. Ainda segundo Pêcheux, as descrições de Foucault, que desmontam as múltiplas engrenagens pelas quais somos organizados, submetidos, arranjados, exercitados, em uma palavra, dominados, trazem “*uma contribuição importante para as lutas revolucionárias de nosso tempo, mas simultaneamente, ele a torna obscura, ficando inapreensíveis os pontos de resistências e as bases da revolta de classe*” (idem). Para o autor, não há como distinguir em Foucault “*os processos de assujeitamento material dos indivíduos humanos e os procedimentos de domesticação animal*” (idem), o que ele chamará de “*biologismo larvado*”. A esse respeito, cf. a análise pormenorizada de Orlandi (1996).

corremos, uma vez mais e sempre, no idealismo. Como diria Althusser, nunca se é materialista de uma vez por todas, e é preciso muita luta para não ceder terreno. Luta interna, gostaríamos de ressaltar.

Dito isso, e tentando prosseguir o trabalho crítico com relação à Tríplice Aliança, gostaríamos de lançar alguns apontamentos relativos a um conceito de fundamental importância na análise de discurso: o conceito de *interpelação ideológica*. Proposto por Althusser para explicar a “captura” dos sujeitos pela ideologia, esse conceito tem sua descrição mais refinada num texto de Pêcheux intitulado “*O mecanismo do (des)conhecimento ideológico*”. A teorização de Pêcheux é aguda o bastante para que não dispensemos citá-la naquilo que ela tem de essencial: em primeiro lugar, o vínculo indissociável entre constituição do sujeito e constituição do sentido e, além disso, a também indissociável relação entre ideologia e inconsciente. Justificando o apelo à figura da interpelação (“teatrinho teórico”, frisa Pêcheux), o autor salienta algumas vantagens, sendo a primeira delas a de que o conceito de interpelação torna palpável o vínculo entre os Aparelhos Repressivos e Ideológicos de Estado e o sujeito ideológico; além disso, a interpelação “*tem a segunda vantagem de apresentar esse vínculo de tal maneira que o teatro da consciência (eu vejo, penso, falo, vejo você, falo com você etc.) é observado dos bastidores, do lugar em que se pode depreender o fato de que se fala do sujeito, e de que se fala ao sujeito, antes que ele possa dizer: ‘eu falo’*” (PÊCHEUX, 1982, p. 149). Por fim, a interpelação indicaria, pela relação entre indivíduo/sujeito, o momento em que o sujeito é chamado a existir: “*na verdade, a tese ‘a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos’, que dizer, a rigor, que o ‘não-sujeito’ é interpelado-constituído como sujeito pela ideologia. Pois bem, o paradoxo está precisamente em que a interpelação tem, por assim dizer, um efeito retroativo, o que resulta em que todo indivíduo é ‘sempre-já sujeito’*” (PÊCHEUX, 1982, p. 150).

Além disso, Pêcheux frisa que, com relação ao vínculo entre ideologia e inconsciente, há ainda um trabalho a fazer, dada a “*hiante ausência de uma articulação teórica bem elaborada entre ideologia e inconsciente. (...) permitam-me apenas ressaltar que o traço comum a essas duas estruturas (...) é o fato de elas operarem ocultando sua própria existência, produzindo uma rede de verdades ‘subjetivas’ evidentes, com o ‘subjetivas’ significando, aqui, não que afetam o sujeito, mas em que o sujeito se constitui’*” (PÊCHEUX, 1975, p. 148). De fato, em outro texto, Pêcheux é mais explícito: “*a ordem do inconsciente não coincide com a da ideologia, o recalque não se identifica nem com o assujeitamento nem com a repressão, mas isso não significa que a ideologia deva ser pensada sem referência ao registro inconsciente*” (PÊCHEUX, 1975, p. 301). É esse gesto que gostaríamos de esboçar aqui, ou seja, pensar a ideologia relativamente ao registro do inconsciente. Na verdade, apoiados em alguns autores contemporâneos, gostaríamos de ensaiar algo a respeito de uma possível modificação na identificação dos sujeitos com a ideologia tal como ela se dá hoje, no chamado capitalismo pós-industrial.

Tentaremos, portanto, fazer um exercício de teorização sobre uma ordem discursiva que supomos ter se tornado disseminada a ponto de podermos falar em um funcionamento social específico da contemporaneidade.

Trata-se, para dizermos logo, do cinismo enquanto forma de estruturação social e subjetiva na contemporaneidade. Nenhum apelo aos belos ideais burgueses da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, nem mesmo uma aceitação mais humilde do Estado do Bem-Estar como meta a ser atingida, o que se vê hoje é uma relação, de certo modo harmônica, entre dizeres em que ninguém acredita e a onipotência do capital.

Para compreender essa relação entre o cinismo e o funcionamento do capitalismo pós-industrial, é preciso separar o *Kynisme* grego daquilo que Sloterdijk chama de *razão cínica*. O *Kynisme* grego (semelhante à carnavalização bahktiniana) pode ser definido como uma prática discursiva alinhada à paródia e que procurava corroer a “ideologia oficial” através do exercício de uma crítica de resistência aos sentidos cristalizados. Nesse sentido, o *Kynisme* tem o caráter de contestação de um poder que perdeu seu caráter de legitimação, ou seja, uma prática de linguagem típica de situações de anomia. No nosso caso, não é difícil encontrar exemplos desse tipo de contestação ao poder pela via do *Kynisme*: Machado de Assis talvez seja o exemplo paradigmático; Manuel Antônio de Almeida também pode ser colocado entre aqueles que, pela paródia, exibem as entranhas do poder e das relações de dominação entre os indivíduos. Já a *razão cínica*, conceito proposto por Sloterdijk vai mais no sentido de uma impostura, como se passássemos, no nível ideológico, da célebre formulação de Marx (“*eles não o sabem, mas o fazem*”) para um “*eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas mesmo assim o fazem*”. Como diz Žizek (1989:313), “*ele reconhece, leva em conta o interesse particular que está por trás da universalidade ideológica, a distância que há entre a máscara ideológica e a realidade, mas ainda encontra razões para conservar a máscara. Esse cinismo não é uma postura direta de imoralidade; mais parece a própria moral posta a serviço da imoralidade*”.

Na verdade, vários autores têm insistido, em obras recentes, no fato de que, para compreender o funcionamento da sociedade contemporânea, é preciso levar em conta o caráter cínico de seu funcionamento. Além disso, há uma compreensão de que é preciso levar em conta que tal funcionamento é solidário da transformação do laço social em uma forma perversa. Como diz Safatle (2008:22), “*o cinismo seria solidário da transformação da perversão, e não mais da neurose, em saldo necessário de nossos processos de socialização*”. É o mesmo que propõe Kehl (2005:74), quando afirma que “*a perversão, e não a neurose, é o modo dominante, invisível, de organização do laço social*”. Lebrun (2008), por sua vez, qualifica de “neo-sujeitos” os sujeitados afetados por essa forma de laço social. Mendonça (2009), por sua vez, fazendo uma relação entre o caráter midiático de nossa formação social e o cinismo como traço de nossos processos de identificação, lembra-nos de que “*não temos mais a moral cristã da razão prática, nós temos agora é a ‘performance’ da Razão Cínica*”. E, ainda, Orlandi (2007:15), quando salienta que não estamos mais na sociedade de discriminação, operando, a partir de agora num modelo de segregação, em que “*o indivíduo que está ‘fora’ não tem mais, como no caso de uma sociedade de integração piramidal, a possibilidade de imaginar que pode subir os degraus de uma escada, que ele pode progredir*”. Tais reflexões indicam que estamos diante de um novo modelo de poder, que opera de maneiras diferentes, e que isso traz conseqüências para uma teo-

ria materialista do discurso, pois o que se opera, fundamentalmente, é uma relação diferente dos sujeitos com o discurso. Para o que nos interessa nesse trabalho, do ponto de vista da identificação do sujeito com seu discurso, parece fundamental indicar uma passagem, em vias de se tornar hegemônica, de uma sociedade de produção, cujo fundamento é a repressão, para uma sociedade de consumo, cujo paradigma é o do imperativo do gozo.

No entanto, e gostaríamos de salientar este ponto, dizer que o laço social no capitalismo pós-industrial assume a forma da perversão não quer dizer que, do ponto de vista das estruturas clínicas, estejamos diante de uma sociedade composta de perversos. Como diz Kehl (2005:75), “*não é preciso que os sujeitos, um por um, sejam estruturalmente fetichistas de acordo com o modelo freudiano da perversão, para que a sociedade como um todo funcione segundo as leis do fetiche*”. Desde as teorizações freudianas sobre o fetichismo, sabemos que o fetichismo é um modo particular de relação dos sujeitos com a castração e com a angústia que privilegia a denegação, em vez do recalçamento e da forclusão, que seriam os modos de funcionamento da neurose e da psicose, respectivamente. Em vez de um “não quero saber nada disso”, tipicamente neurótico, temos uma espécie de clivagem em que o sujeito *sabe, mas finge não saber*. O fetiche, que pode ter qualquer face, revela e escamoteia a castração, num mesmo movimento contraditório. Esse funcionamento fetichista da sociedade, a nosso ver, indica que há uma relação importante entre o capitalismo pós-industrial e a sociedade espetacular, tal como Debord a concebe, pois é como fetiche que a imagem circula e é construída socialmente. É como se houvesse uma passagem, ou uma alteração no princípio ordenador da sociedade, de um registro simbólico para um registro imaginário. Como diz Safatle (2008:22) essa relação entre cinismo e perversão se orienta no sentido de que a perversão se caracteriza não por estar ligada a esta ou aquela prática sexual, mas por uma relação específica dos sujeitos com a lei social, “*relação peculiar por basear-se em modos de seguir as injunções da lei, sem, com isso, produzir disposições de conduta normalmente conformes à lei*”. É aqui que o laço se torna claro, pois há uma mudança no modo de funcionamento da sociedade, na medida em que não se trata mais do recalçamento funcionando como as normas de relação entre os sujeitos, mas sim de uma estruturação mais próxima da perversão e das leis do fetiche.

Essa clivagem que o fetiche permite, essa capacidade de “*abandonar e conservar simultaneamente uma crença*” (LEBRUN, 2008, p. 255), tem uma relação direta com o cinismo e a forma predominante do laço social pós-moderno, pois, ainda segundo o mesmo autor, o auto-erotismo e a instrumentalização do outro, pela via perversa, dava lugar à consideração da realidade da castração e, diríamos, ao recalque e o (des)conhecimento ideológico das relações de dominação próprias ao sistema produtivo de um capitalismo baseado na produção. No entanto, “*essa obrigação, o laço social de ontem a suportava, e até mesmo a impunha, a tornava em todo caso presente em permanência, ao passo que a de hoje deixa-a como em suspenso*”. Assim, o desmentido fetichista é um mecanismo que permite dizer sim e não ao mesmo tempo, “*a saber bem que é preciso aceitar a perda, mas mesmo assim recusar a consentir nisso*”, fórmula que pode ser resumida no “sei bem, mas mesmo assim” e que pode ser estendida ao funcionamento cínico do discurso.

Além disso, e ainda segundo Safatle (2008:101), temos que levar em conta que o poder aprendeu a rir de si mesmo: “*personagens de contos de fadas que não mais se reconhecem e criticam seus próprios papéis, propagandas que zombam da linguagem publicitária, celebridades e representantes políticos que se auto-ironizam em programas de televisão*”. Nessa via, não se trata de dizer que vivemos numa era pós-ideológica, mas que a ideologia, atualmente, está marcada por construções “*sob a forma da ironia*”. Esses movimentos indicam, ainda segundo o autor, que “a perversão (tende a transformar-se em horizonte hegemônico de identificação e de constituição de tipos ideais em processos de socialização”, o que conviria exatamente para o modo “*anômico e desterritorializado do capitalismo contemporâneo*” (SAFATLE, 2008, p. 168).

Seguindo essa aproximação entre a perversão, cinismo e ideologia, temos mais um ponto de contato quando observamos a leitura que Zizek faz da célebre formulação de Marx a respeito da ideologia, retomando a elaboração de Sloterdijk sobre a razão cínica. Em ambos, não se trata de uma ilusão que concerne ao saber, mas sim ao fazer. Se no “disso eles não sabem, mas o fazem” de Marx, a ilusão consiste não em não saber a realidade, mas não saber que ilusão estrutura a própria realidade, no “eles sabem o que estão fazendo, mas o fazem” pode ser lido como um “eles sabem muito que estão seguindo uma ilusão e o fazem mesmo assim”, ou seja, “*eles sabem que sua idéia de liberdade esconde uma forma particular de exploração, mas, mesmo assim, continuam a seguir essa idéia de liberdade*” (Zizek, 1989, p. 316). Nesse sentido, o cinismo não é pós-ideológico, como pretendem alguns, mas a ideologia em estado destilado: “*mesmo que não levemos as coisas a sério, mesmo que mantenhamos uma distância irônica, continuaremos a fazê-lo*”. Aqui, o ultrapassado Althusser não adquire certa proeminência, com sua insistência na ideologia como prática?

Dizer que o laço social se orienta, contemporaneamente, sob a forma da perversão e do cinismo não é sem conseqüências para uma análise discursiva que se queira materialista, pois, como afirma Orlandi (1996), “*não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia*”. Interessa-nos, portanto, discutir o funcionamento dos processos de subjetivação no capitalismo contemporâneo, tendo em vista sua relação com um funcionamento ideológico que, talvez, represente uma modificação na interpelação ideológica. Conforme Orlandi (2007:14), “*o assujeitamento é então interior (engaja a vontade) indispensável para uma economia (...) que precisa da livre circulação dos bens e dos indivíduos*”. Conforme estamos pensando, o que pode estar ocorrendo na interpelação ideológica em sua forma atual é justamente uma modificação nesse engajamento pela vontade, fundado numa certa ética da convicção. A ingenuidade constitutiva que marca a interpelação ideológica tal como a descreve Pêcheux, inclusive com sua contrapartida no tema dos “esquecimentos” nos. 1 e 2 parece estar dando lugar a um outro tipo de relação do sujeito com o discurso, que tem a marca do cinismo. O que o caso do funcionamento cínico parece explicar é justamente uma filiação do sujeito a um certo discurso, mas de um modo em que já há, em princípio, um certo distanciamento, uma certa aproximação irônica, um engajamento de outra natureza.

A título de exercício teórico, e prosseguindo na indagação do funcionamento da ideologia na contemporaneidade, gostaríamos de propor a questão da identificação cínica, em que, a maneira dos libertinos de “As ligações perigosas”, “o sujeito nunca adere a seu dito”, já que ele nunca está totalmente lá onde fala, já que ele está só pela metade naquilo que diz. Trata-se ainda de um discurso da derrição, já que nenhuma asserção pode ser assumida sem ser rapidamente combinada com outra, que se torna seu duplo. O discurso transforma-se em um jogo, uma arte ou mesmo um domínio colocado sob o signo da onipotência aspirada pelo perverso”. (SAFATLE, 2008, p. 167).

Assim, além dos bons e maus sujeitos, e ainda dos que se desidentificam, teríamos a forma cínica de pertencimento de um sujeito à formação discursiva: um certo modo cínico de relação com o saber, em que o sujeito não se filia diretamente, nem se desfilia, mas permanece no horizonte de uma tomada de posição desengajada, ou de uma subjetivação assumida apenas para ser parodiada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- INDURSKY, F.** (2007) “Formação discursiva: essa noção ainda merece que lutemos por ela?”. In: INDURSKY, F., LEANDRO FERREIRA, M. C. *Análise de discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007.
- KEHL, M. R., BUCCI, E.** (2005) *Videologias*. São Paulo: Boitempo.
- LEBRUN, J. P.** (2008) *A perversão comum*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico.
- MENDONÇA, A. S.** (1999) *Identificação Imaginária e Razão Cínica*. Arquivo capturado pela Internet em 08/09/2009. <http://www.riototal.com.br/coojournal/antoniosergio004.htm>
- ORLANDI, E. P.** (1996) *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez.
- _____. (2007) “O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo”. In: INDURSKY, F., LEANDRO FERREIRA, M. C. *Análise de discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007.
- PÊCHEUX, M.** (1975) *Semântica e Discurso – Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.
- _____. (1978) “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação”. In: *Semântica e Discurso – Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.
- _____. (1982) “O mecanismo do desconhecimento ideológico”. In: ZIZEK, S. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- SAFATLE, V.** (2008) *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo: Boitempo.
- ZIZEK, S.** (1989) “Como Marx inventou o sintoma?”. In: In: ZIZEK, S. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.